

PIBID ARTES UFSM: OCUPAR, VIVENCIAR E PERTENCER EM ESPAÇOS QUE TRANSCENDEM A SALA DE AULA

Adriana Gotens Antunes ¹
Maria Eduarda Porto de Mesquita ²
Adriane Carvalho Nunes ³
Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos ⁴

RESUMO

O artigo pretende, em síntese, demonstrar como a participação no Pibid é capaz de permitir que estudantes de licenciaturas vivenciem não unicamente a sala de aula, mas também se encontrem como parte constituinte de espaços que vão além dela. Em um panorama mais específico, compreendemos que um(a) docente/artista atuante na contemporaneidade que reconhece sua identidade, sua articulação política e social e, portanto, ocupa espaços e legitima a Arte e a Educação, é uma necessidade emergente. Estamos ancoradas na abordagem metodológica de relato de experiência, já que, em nossa percepção, compartilhar relatos é um processo que enriquece trocas, ideais e memórias de estudantes da educação e professores. Assim, objetivamos narrar momentos de nossa atuação no Pibid de Artes Visuais da UFSM durante o primeiro semestre de 2023, na E.B.E. Érico Veríssimo, na cidade de Santa Maria (RS), os quais acreditamos representar, assim como diz o título do trabalho, como fomos capazes de ocupar, vivenciar e pertencer em espaços que transcendem a sala de aula. Para que a reflexão acerca dessas práticas seja efetivada e sustentada teoricamente, é relevante atentarmos aos conceitos de “Arte”, “Educação” e “Política”, bem como suas interlocuções e as faces que assumem no ensino, hoje. Como resultado desse relato e dessas reflexões inacabadas, percebemos a urgência de se pensar a relevância de programas como Pibid e RP, escutar estudantes que participam deles e compreender suas atuações identitárias em espaços que lhe pertencem.

Palavras-chave: Pibid, Arte, Educação, Experiência, Ocupar espaços.

INTRODUÇÃO

A Arte Contemporânea pretende, a passo e passo, exceder os lugares tradicionais e imbuir-se em espaços que perpassam a academia, o museu e a galeria. Consoante a esse processo, em Arte/Educação, na contemporaneidade, é notória uma crescente preocupação com

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista CAPES, adriana.antunes@acad.ufsm.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista CAPES, maria.porto@acad.ufsm.br;

³ Graduada em Ed. Artística - Lic. Plena em Artes Cênicas e professora supervisora do Pibid na E.B.E. Érico Veríssimo, na cidade de Santa Maria (RS), adriane-cnunes169@educar.rs.gov.br;

⁴ Professora no Centro de Artes e Letras (CAL) e Coordenadora do Subprojeto do Pibid Artes na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), flavia.p.vasconcelos@ufsm.br.

O artigo é resultado do Projeto de Ensino *PIBID ARTES - Práticas Arte/educativas Contextualizadas: Criatividade e Inovação na formação de professores* (UFSM), realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

o ato de ocupar os mais diversos espaços educacionais, sociais, políticos e culturais enquanto artistas/educadores, a fim de que afirmemos a relevância dos processos artísticos e da Arte como uma totalidade na educação e no cotidiano. É justamente esse ato de ocupar espaços que transcendem a sala de aula e a escola que iremos narrar no presente relato de experiência, possibilitado pela participação no subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da área de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), intitulado *Práticas Arte/Educativas contextualizadas: criatividade e inovação na formação de professores*, coordenado pela Prof^a. Dra. Flávia Pedrosa Vasconcelos. Os encontros ocorreram na Escola Básica Estadual Érico Veríssimo, em Santa Maria (RS), sob a orientação da professora supervisora Adriane Carvalho Nunes.

Quando se pensa na atuação de estudantes de licenciaturas dentro de programas como o Pibid e a Residência Pedagógica (RP), pensa-se em uma prática comumente restrita ao ambiente da escola e, mais precisamente, da sala de aula. Sob outra perspectiva, não contrária, porém complementar a essa, percebemos, ao refletir acerca de nossa prática no Pibid no primeiro semestre de 2023, que fomos capazes de constituir nossa formação de artistas/educadoras em outros espaços que perpassam as paredes da sala de aula, porém nos ensinam tanto quanto elas. Assim, nossas vivências chegam no pátio e nas paredes da escola, em camisetas estampadas com estêncil na UFSM, em uma manifestação política na praça da cidade e até um encontro internacional de professores. Desde as discussões iniciais do Pibid e dos primeiros encontros na E.B.E. Érico Veríssimo, entendemos que, certamente, na relação entre escola e universidade, quem aprende é a universidade. Para mais dessa percepção teórica essencial para compreender programas que entrelaçam escola e universidade, objetivamos descrever, aqui, a formação de professores atravessada pela iniciação à docência que evidencia não apenas como a escola tem mais a ensinar para a universidade do que o contrário, mas também como outros espaços não escolares são capazes de nos ensinar tanto quanto a presentificação no ambiente da sala de aula.

Como referencial teórico, são essenciais as contribuições de Camnitzer (2023), ao pensar os entrelaçamentos e conflitos constantes entre os termos “Arte” e “Educação”, além da teorização de Marques (2019) ao narrar e refletir acerca de conceitos históricos e culturais que pensam a constituição docente dissolvida e marcada pela noção de Arte e Política. Ainda, os depoimentos de educadores e as reflexões na obra de Carvalho e Egas (2021) demonstram a força de relatos e memórias na educação e na relação escola e universidade e, por fim, as considerações de Oliveira (2023) ao tratar da complexa construção de uma identidade docente durante e após a formação se transpõe em todas as nossas experiências na iniciação à docência. Assim, pensamos que, em termos de resultados que obtemos e continuaremos a obter, a

constituição do professor além da sala de aula é uma temática que necessita de atenção e discussão, sobretudo entre os participantes de programas como Pibid e RP, para que se atentem a sua identidade e formação em espaços sociais e políticos que lhes pertencem.

METODOLOGIA

A metodologia do presente artigo consiste na de relato de experiência, o qual pretende narrar momentos que fizeram-nos sentir parte formadora da Arte/Educação para além da sala de aula, todos propiciados pela participação no subprojeto do Pibid da área de Artes Visuais da UFSM. Isso porque compreendemos que esse compartilhamento de relatos e memórias é, na contemporaneidade, parte do que dá sentido aos processos educacionais, já que tanto a artista quanto a educadora que se forma em nossas vivências constitui-se no contato e na socialização de percepções, ideias e produções artísticas com o outro. Após realizarmos os relatórios parciais do Pibid do primeiro semestre de 2023, no caminho metodológico de descrição de uma prática realizada em cada momento semanal e reflexão acerca dela, percebemos a presença constante de espaços que não apenas a sala de aula. Assim, a metodologia de relato de experiência é capaz de reforçar uma temática que deve ser mais explorada: a formação docente em espaços que devem ser reivindicados por estudantes de licenciaturas que, mesmo em percurso de graduação, compreendem seu papel social e político.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento reflexivo, deve-se pensar na poética do termo “ocupar” e do sentido que aqui atribuímos a ele e aos espaços que narramos, esclarecendo sua conotação: quando falamos em "ocupar espaços", termo recorrente em nossas práticas e no presente relato de memórias, não estamos nos referindo estritamente ao conceito de estar presente de corpo físico no espaço, mas também e principalmente de compreender o quanto esse ato se concretiza revolucionário no Ensino de Artes Visuais. Isso porque levar a Arte, mediada pela educação, para onde vamos e, assim, não a prender à sala de aula é essencial para fortalecer a atuação do(a) educador(a). Como teoriza Camnitzer (2023), em seu texto intitulado *Nem arte, nem educação*, para que a Arte seja legitimada e assuma sua potência na vida escolar, os processos artísticos, além de enfatizarem que todos possuem o direito de criar, não podem ser encerrados no momento da aula e no espaço físico da escola, ultrapassando-os e sendo construídos no cotidiano dos estudantes e, também, no nosso como futuras artistas/educadoras:

[...] a educação não deveria enfatizar o ensino, mas dedicar-se à aprendizagem. O ensino baseia-se na transmissão de informação e treinamento. A educação correta, por outro lado, estimula o autodidatismo. Esse autodidatismo consiste em identificar os mistérios do desconhecido, desmistificá-los e superá-los para então enfrentar novos mistérios. Assim como na arte, trata-se de conhecer, des-conhecer e re-conhecer. É um trabalho contínuo que se desenvolve ao longo da vida do indivíduo. É algo que não pode se encerrar dentro dos muros de uma instituição, nos limites de um tempo imposto, em uma quantificação ditada por um currículo e dentro de uma relação que depende dos professores (CAMNITZER, 2023, p. 34, grifo nosso).

Ainda, como discutido na introdução, consideramos crucial, ousado e urgente o processo de expansão e democratização que a Arte Contemporânea se pretende a explorar, já que a Arte foi, por muito tempo, "[...] se definindo como monopólio de uns poucos" (CAMNITZER, 2023, p. 34) e como objeto de caráter elitista e institucional: um grafite urbano e expressivo de um jovem nunca chegaria aos pés de uma pintura de um “mestre” renomado em um museu ou uma galeria. Nossa luta, no Pibid, é para que os estudantes percebam seu trabalho, inserido em um contexto de socialização com os outros e com os espaços ocupados, como uma manifestação tão forte quanto aquelas que eles possuem como repertório ou referência do que é Arte. É com essas ponderações que iremos discutir a primeira prática artística que perpassa a atuação na sala de aula e chega nas paredes da escola, realizada na E.B.E. Érico Veríssimo no dia 05 de maio de 2023, com as turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio, em uma extensa parede de um dos corredores. Trata-se do estêncil, que consiste em uma técnica do grafite que parte da utilização de um suporte cortado com o desenho fixo em uma superfície para que se aplique tinta *spray* e transfira-o, nesse caso, na parede.

A relevância do estêncil na escola reside na aproximação dos estudantes com expressões artísticas as quais eles se identificam, processo que fortifica o interesse pelo fazer artístico e sua relação com o corpo social da escola e, ainda, fora dela. Essa técnica é oriunda da arte urbana, desenvolvida em lugares públicos - naqueles que não apenas os estudantes, mas todos nós estamos inseridos e, então, somos, pouco a pouco, feitos por aquilo que nos cerca e nos alimenta esteticamente. Assim, essas produções despertam sua vontade de criar por se encontrarem presentes em seu entorno e suas caminhadas pelo espaço público e, mais especificamente, pelos corredores da escola. Diferente, por exemplo, de manifestações de caráter institucional, não acessíveis nas proximidades da escola. Nessa lógica, o ambiente escolar não é mais um ambiente abstrato e segregado da vida dos estudantes, mas sim um concreto lugar de cidadania (CARVALHO; EGAS, 2021, p. 45). A curiosidade e empolgação dos estudantes na produção da proposta da aula foi bonita e intensa, desde a criação do desenho, dos recortes dos espaços vazados no papel até a aplicação sobre a superfície da parede. Percebemos como eles se

orgulhavam e se sentiam pertencentes ao ter produzido algo que, agora, estava compondo aquele lugar de maneira cultural e estética.

Na aula da semana seguinte na escola, desenvolvemos adesivos e, complementando a prática do estêncil, discutimos acerca desse ato social e político de inserir um trabalho no ambiente em que outras pessoas circulam, concretizando ele como uma arte que será vista e terá impacto sobre o meio e os indivíduos que ali passarem. O momento no qual o sujeito está andando e visualiza um trabalho de sua autoria na parede de um espaço público (aqui, a escola) é o que dá sentido à Arte em seu aspecto de socialização e força cultural; e os estudantes foram capazes de experienciar isso. Em uma perspectiva contemporânea que resiste por uma educação democrática, a arte popular e inserida em espaços de circulação e socialização é assunto frequente e, sua prática, reivindicada, já que é responsável por criar pertencimento:

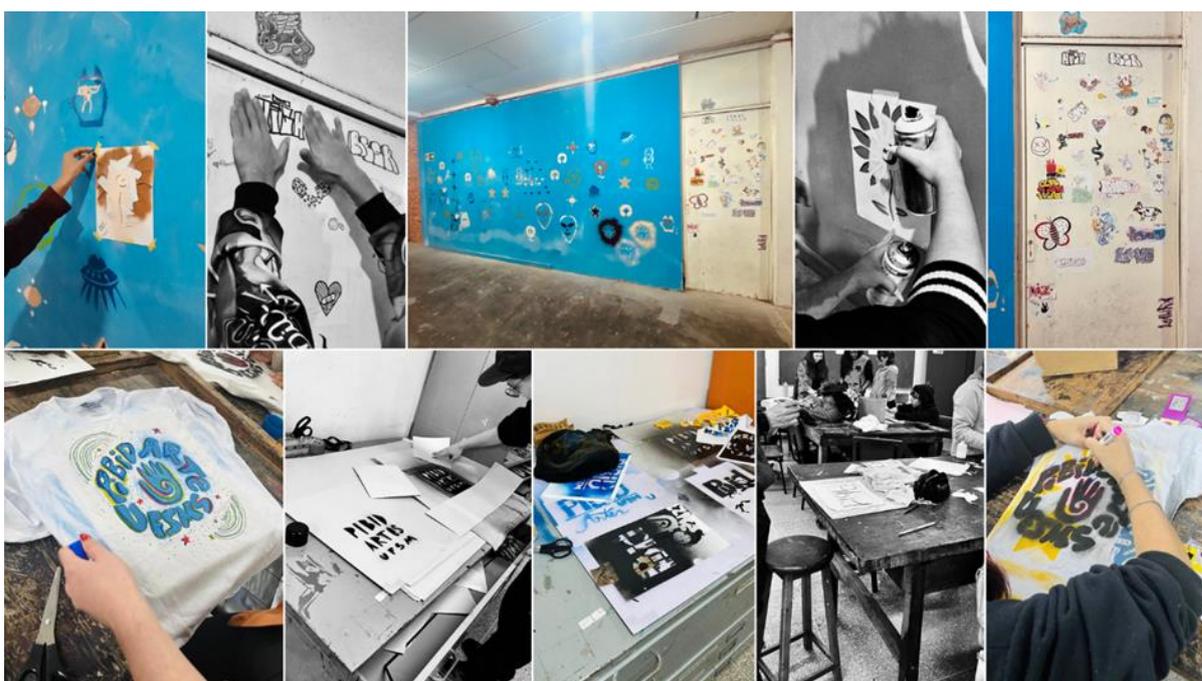
A arte intervém, desde sempre, no modo do ser humano se colocar como presença no mundo, ou seja, ao constituir uma expressão artística, em qualquer de suas linguagens, a pessoa também vai formando-se e constituindo-se como sujeito de sua história, integrado à história e às condições reais de sua existência – situadas no espaço e no tempo (MARQUES, 2019, p. 127);

Valorizar as ligações intrínsecas entre a arte e a vida cotidiana constitui a base de uma arte/educação democrática, porque envolve o reconhecimento de várias práticas artísticas sem distinguir entre o erudito e o popular. Dentro dessa orientação, a arte/educação baseada na comunidade busca privilegiar a arte que já existe na comunidade em que a escola se situa (CARVALHO; EGAS, 2021, p. 45).

Em uma das reuniões semanais com todos os bolsistas do Pibid da universidade, ao compartilhar as vivências na escola, comentamos com os colegas e a coordenadora do subprojeto que havíamos desenvolvido estênceis e adesivos com os estudantes e ela sugeriu, então, que criássemos camisetas do Pibid Artes UFSM com essa técnica na reunião seguinte. Assim, solicitamos e conseguimos algumas tintas *spray* e camisetas pretas ou brancas e, em conjunto, criamos diversos modelos de estêncil com figuras e textos para que pudéssemos fazer composições nas camisetas, em múltiplos estilos baseados nas ideias de cada um. Perceber como uma prática desenvolvida na escola reverberou em nossas reuniões na universidade e contribuiu para a criação das camisetas foi um processo fantástico, que evidencia como estamos em constante reflexão, diálogo e produção. Até esse momento, ainda não tínhamos experienciado o estêncil na universidade, talvez por essa percepção enraizada de que a arte “institucional” se sobrepõe à popular. Afirmamos, assim, que a participação no Pibid aproxima a universidade da escola e dissolve as barreiras existentes entre esses dois espaços. Acreditamos que o presente momento de nossa escrita é ideal para reinserir uma ideia que já mencionamos,

de certa forma, na introdução: “[...] a escola tem mais a ensinar para universidade do que a universidade para a escola” (CARVALHO; EGAS, 2021, p. 11). Quando usamos as camisetas que criamos, carregamos, conosco, a força do Pibid e do contato com a escola, que ensina tanto. Na figura 1, na primeira fila horizontal de fotografias, estão alguns registros do estêncil e dos adesivos na escola e, na segunda fila, a prática na reunião do subprojeto na universidade.

Figura 1 - estêncil na escola e na reunião do Pibid na UFSM



Fonte: colagem de fotografias autorais e de colegas de Pibid elaborada pelas autoras (2023)

A segunda experiência que pretendemos narrar ocorreu anteriormente a do estêncil e foi a que motivou a utilização e atuação em outros espaços da escola que não fossem apenas a sala de arte. Trata-se da pintura de um armário que se transformaria em um armário solidário para ser utilizado por toda a comunidade escolar, realizada no dia 05 de abril de 2023, logo após nosso retorno presencial para a escola posterior às férias. Pela primeira vez desde que entramos como pibidianos na escola, todas as aulas da manhã foram no pátio, lugar sempre cheio de vida aos intervalos. O pátio foi o espaço da escola que mais nos cativou quando ali entramos, ansiosas, pela primeira vez: ele era constituído pelos estudantes jogando tênis de mesa e pebolim, ouvindo músicas, lanchando, conversando e rindo alto. Ele é, certamente, o lugar onde a escola assume aquilo que deveria ser, sempre: lugar de pertencer, se identificar, socializar e ser livre; é lugar que torna a escola ambiente vivo. O planejamento espontâneo do desenho que iria compor o armário ocorreu na hora, onde cada um dos quatro pibidianos que estavam na

escola desenhou, à mão livre, os elementos que gostaria e, assim, ao final, todos compuseram, juntos, as faces anteriormente brancas do armário. A dinâmica das aulas aconteceu da seguinte maneira: enquanto pintávamos, a professora Adriane trazia as turmas até o espaço e aqueles que se sentiam confortáveis em auxiliar na pintura juntavam-se a nós nesse processo. Aqueles que não gostariam de pintar, observaram, ouviram música, aprenderam sobre a pintura nessa superfície e em murais e fotografaram a prática.

“Existe uma escola que vê o professor e aluno como sujeitos exploradores, inquietos por vivenciar espaços outros, em diferentes ângulos, diferentes formas de aguçar os sentidos? O que pode o ensino de arte quando explora diferentes espaços escolares?” (CARVALHO; EGAS, 2021, p. 57). Pensando nas práticas de pintura do armário e do estêncil, acreditamos que nosso objetivo como artistas/educadoras em formação na escola é possibilitar que a resposta para essa primeira pergunta possa ser, de forma otimista, um “sim”. A segunda pergunta, potente e que questiona exatamente acerca do que aqui tentamos refletir, possui diversas respostas, porém resumidas em uma: “muito”. Constatamos que esse processo de transformar um armário que estava branco e inutilizado e passou a materializar atos solidários demonstrou como devemos estar atentos às transformações que podemos realizar para melhorar o cotidiano da escola com os materiais que temos disponíveis. Hoje, após mais de quatro meses de uso do armário, sempre observamos como ele se encontra e o encontramos repleto de roupas, calçados, livros, objetos e outros itens, assim como na fotografia ao centro da segunda fileira de imagens da figura 2:

Figura 2 - pintura do armário solidário no pátio da escola



Fonte: colagem de fotografias autorais elaborada pelas autoras (2023)

Agora, narramos o dia 26 de abril de 2023, registrado nas fotografias reunidas na figura 3. Não havia como deixarmos de reservar um espaço para abordar a educação que acontece, historicamente, nas ruas de nosso país: nas lutas de educadores. Nesse dia, ocorreu um ato convocado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) que reuniu professores na Greve Nacional dos Trabalhadores em Educação, na Praça Saldanha Marinho, no centro de Santa Maria (RS), o qual reivindicava a revogação do Novo Ensino Médio, respeito à profissão docente e cumprimento da Lei do Piso Nacional. Vimos, no ato, diversos professores da E.B.E. Érico Veríssimo participantes do sindicato CPERS, inclusive o próprio diretor. Escutar os relatos de luta e esperança dos educadores da escola e de outras de nossa cidade que ali estavam, tanto municipais quanto estaduais, foi enriquecedor. Entender essa consciência política do corpo docente do ambiente escolar no qual estamos inseridas pelo Pibid foi uma experiência que marcou nossa formação que ainda está em seu percurso, porém já atenta a tal face do ato de tornar-se educador(a). Nunca esqueceremos a beleza do momento em que todos os estudantes e educadores organizaram-se para realizar a caminhada até a Câmara de Vereadores, cantando "Pra não dizer que não falei das flores", de Geraldo Vandré. Esse ato foi prova de que a rua também é lugar de se constituir professor(a) e compartilhar vivências: "O lugar da formação é um espaço de intersecção de histórias de vida, e, assim, revela nossas marcas e cicatrizes pessoais e profissionais" (OLIVEIRA, 2013, p. 117).

Figura 3 - ato de educadores na Greve Nacional dos Trabalhadores em Educação, em Santa Maria (RS)



Fonte: colagem de fotografias autorais elaborada pelas autoras (2023)

Por fim, narraremos nossa participação em dois eventos que levaremos conosco em nossa construção da identidade de artistas/educadoras. No dia 12 de julho de 2023, aconteceu, no Itaimbé Palace Hotel, em Santa Maria (RS), a 3ª edição da *Steam Party*, uma Mostra Científica, Cultural e Tecnológica de trabalhos, processos e projetos de estudantes da rede

estadual que teve a participação de 97 escolas estaduais, dos 23 municípios da 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). A participação nesse evento sensibilizou-nos para a quantidade e diversidade de trabalhos produzidos pelos estudantes da rede estadual de ensino, tanto em Arte quanto em outras áreas de conhecimento. O trabalho da professora Adriane que auxiliamos na exposição é intitulado *Arte, moda e sustentabilidade*, o qual consiste em acessórios e roupas feitos com materiais reciclados: colares de rolhas e latinhas, brincos de tampinhas de garrafa, roupas com sacos de lixo, carteiras com caixas de leite, entre outros, visualizados na figura 4. Esse projeto já estava acontecendo quando chegamos na escola em 2022, então acompanhamos o seu desenvolvimento desde então, bem como a participação de diversos estudantes para a criação dos materiais, cujo objetivo é que tomemos consciência de onde vêm e para onde vão os resíduos das roupas e dos acessórios que compramos e nos desfazemos em um ciclo infinito. Em nossos encontros-performances na escola, sempre nos educamos, coletivamente, para ver possibilidades em materiais que os outros não veriam; e essas produções são resultado disso.

Figura 4 - *Steam Party*, evento de produções de estudantes das escolas estaduais de Santa Maria (RS)



Fonte: colagem de fotografias autorais elaborada pelas autoras (2023)

A professora Flávia, coordenadora do subprojeto, sempre encoraja-nos a participar de eventos que dialogam com a Arte, a Educação e o Pibid para que, assim, sejamos capazes de realizar esse processo rico de compartilhamento de experiências e de conhecimento de múltiplas realidades do Ensino de Arte em nosso país. Um deles foi o *IV Encontro do Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Artes*, ocorrido entre os dias 19 e 22 de abril de 2023 na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis (SC). O *Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina – (OFPEA/BRARG)* é um projeto que pensa, pesquisa e discute acerca da formação de professores na área de Artes na contemporaneidade desde 2011, integrando

professores da educação básica, do ensino superior e estudantes de licenciatura. Atualmente, o projeto é coordenado, no Brasil, pela Prof^a Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e, na Argentina, pelo Prof. Dr. Federico Buján, da Universidad Nacional de las Artes (UNA) e Universidad Nacional de Rosario (UNR).

Foi uma conquista enorme para o curso de Licenciatura em Artes Visuais, para o Pibid e a RP e para a UFSM que reunimos 13 estudantes para participar presencialmente do evento com resumos expandidos de relatos de experiência aceitos a serem apresentados. Éramos a universidade com mais estudantes participantes. Ali, tivemos contato com diversos professores da universidade e da rede básica e estudantes de graduação de todo o país, o que nos ensinou como nossas alegrias, dores e anseios como professores ou estudantes de licenciatura em Artes são, apesar das diferenças geográficas e culturais, semelhantes e unidos por uma consciência social, política e identitária maior. No último dia de evento, foi realizado o *1º Encontro Nacional de Artes do Pibid e Residência Pedagógica – diálogos sobre a docência em Arte*, no qual nos sentimos acolhidas e representadas em cada fala escutada que compartilhava relatos dessas experiências, tanto de professores quanto de estudantes. Estar nesse espaço foi entender o ato de sentir-se pertencente no seu significado mais profundo, já que ali estavam apenas aqueles(as) que vivenciam o Ensino de Arte cotidianamente em nosso país.

Em todas essas vivências que se desencadearam nesses 4 dias de evento, fomos capazes de concluir e seguiremos afirmando que o Pibid e a RP deveriam ser políticas de Estado asseguradas de bloqueios e ameaças e, ainda, necessárias no percurso da formação de todos aqueles que cursam licenciaturas. Como forma de finalizar as reflexões teóricas que atravessam todos esses momentos narrados e, sobretudo, a participação no Observatório, é relevante se questionar de onde vêm essa necessidade, tão repetida em nossas palavras, de reafirmar constantemente a Arte na escola e fora dela. Reforçamos que o Ensino de Arte brasileiro possui uma trajetória complexa e segue necessitando de luta pela sua (re)afirmação:

Hoje, o que temos como legislação no campo do ensino de arte no Brasil é fruto de lutas históricas que, em um crescente, foram alcançando vitórias desde a inclusão da arte como atividade, ainda nos anos 1970, até a obrigatoriedade da área no currículo da educação básica, enquanto componente curricular, o que alcançamos com a Lei n. 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação [LDB], 1996), para, por fim, encontrarmos na nova lei educacional brasileira, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017), um retorno de sua presença como uma área do componente curricular Linguagem – uma verdadeira regressão (MARQUES, 2019, p. 126).

No último dia de evento, foi escrita e assinada por todos os participantes uma carta ao Ministério da Educação com o intuito de enfatizar a necessidade de políticas públicas voltadas

para o Ensino de Arte na educação básica, além da necessidade da revogação das diretrizes do Novo Ensino Médio. Ainda, no documento, foi abordada a perspectiva atual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a abordagem multidisciplinar que confronta as Artes, na qual não se considera a formação individual de docentes em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro – salientamos que, ao contrário do que a legislação insiste, os quatro deveriam estar presentes em todas as escolas. Assinar essa carta foi emocionante: foi como se, ali, nos sentíssemos participando de um ato político por todos(as) artistas/educadores(as) do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discutido, a área de Arte/Educação, mediante uma certa “corrupção” dos termos “Arte” e “Educação”, demonstra, hoje e historicamente, uma dificuldade em pensar relações e aproximações entre os processos artísticos e os educacionais. Isso acontece, sobretudo, em decorrência da desvalorização dessas duas grandes áreas. Assim, entendemos que é crucial sabermos ocupar espaços como esses descritos a fim de que tornemos possíveis as articulações entre Arte e Sociedade, Educação e Política, Identidade e Cotidiano e, mais importante, Arte e Educação. Portanto, esse ato de ocupar, vivenciar e pertencer em espaços que transcendem a sala de aula, assim como definimos no título do presente relato, é uma temática emergente e crucial no Ensino de Artes Visuais, já que é só quando nos percebemos parte integrante de um sistema, uma cultura, um coletivo e da profissão política da artista/docente que compreendemos a complexidade da Educação. Portanto, participar dos diversos eventos e momentos que ocorreram por conta do Pibid, porém fora da escola, foi prova de que devemos, encorajadas pelo programa, ocupar espaços que nos ensinam acerca de Arte/Educação/Política tanto quanto a sala de aula, ao mesmo tempo em que carregam parte dela.

As palavras da próxima passagem, apesar de pequenas em quantidade, suscitam grandes reflexões: “A cultura, pensada no singular, não dá conta da vida que pulsa na escola” (CARVALHO; EGAS, 2021, p. 44). A ela, acrescentamos 4 palavras: “A cultura, pensada no singular, não dá conta da vida que pulsa na escola e nem fora dela”. Todos os momentos e espaços aqui narrados fazem-nos desejar o fortalecimento do “s” em “cultura(s)”, as quais podem ser compartilhadas e fortalecidas por práticas artístico/educativas, sobretudo mediadas por educadores(as) conscientes do processo de ampliação da escola, da Arte e da Educação para outros espaços. Isso porque julgamos que esse é um dos caminhos que devemos, unidos(as), traçar para a legitimação da Arte na escola, nos estudantes e em nós mesmos(as).

AGRADECIMENTOS

Sabe-se que as licenciaturas e, em decorrência disso, programas como o Pibid e a RP, resistem cotidianamente em nosso país. Vivenciamos isso quando, ao entrar na universidade no primeiro semestre de 2022, auxiliamos a coordenadora do subprojeto a encontrar estudantes para integrar o Pibid, já que não tínhamos o número suficiente para fechar um núcleo, o que acontece em decorrência da redução, ano após ano, de estudantes matriculados em licenciaturas, sobretudo da área de Artes. Assim, agradecemos à professora Flávia por reafirmar a licenciatura e resistir e lutar pelo Pibid na UFSM, possibilitando, hoje, o compartilhamento dessas memórias que aqui narramos. Ainda, agradecemos, além dos colegas de Pibid na escola, à supervisora do Pibid na E.B.E. Érico Veríssimo, professora Adriane, por nos ensinar que a aula de Arte é uma performance que transforma a percepção de mundo dos estudantes e, conseqüentemente, a nossa. Nunca saímos de um encontro com as turmas da mesma forma que entramos. Nossos agradecimentos também se direcionam ao IX Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC), que faz com que a força de estudantes de licenciaturas e professores(as) se engrandeça discutindo, compartilhando e permanecendo em união na carreira docente e na construção de identidade cotidiana. Por fim, agradecemos, certamente, à CAPES e ao Pibid por fortalecerem o laço tão complexo entre universidade e escola, dissolvendo parte da barreira que existe entre esses dois universos mediante o contato com o cotidiano escolar já no início de cursos de licenciatura. Um sensível agradecimento, ainda, aos profissionais da Arte e da Educação que já cruzaram por nós e resistem pelo direito que todos possuem de criar.

REFERÊNCIAS

CAMNITZER, Luis. Nem arte, nem educação. In: LOPONTE, Luciana Gruppelli; MOSSI, Cristian Poletti (Orgs.). **Arteversa: arte, docência e outras invenções**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023, p. 30-37.

CARVALHO, Francione Oliveira; EGAS, Olga Maria Botelho (Orgs.). **Experiências de dentro e de fora: o que a universidade pode aprender com a escola?** Rio de Janeiro: Batuque; Juiz de Fora: Mirada, 2021.

MARQUES, Edite Colares Oliveira. Considerações sobre educação, arte e política: experiências, alternativas e resistências. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, v. 9, n. 23, p. 124-140, 2019.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. Outras leituras e visualidades na formação docente em arte. **VISUALIDADES**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 113-135, jul-dez 2013.